

I ENCONTRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO CICLOTURISMO



eBook completo: bit.ly/ebook_iedesc

Página da edição do evento: bit.ly/cicloturismourbano

Portal para informações do evento: planett.com.br/cicloturismo

FORMATO PARA CITAÇÃO:

NAZARETH, F. Pedalentes e o cicloturismo inclusivo como estímulo para pessoas que não têm hábito de viajar de bicicleta. In: EDRA, F. P. M.; DECASTRO, J.; SALDANHA, L. (Orgs.) Cicloturismo urbano em foco. Niterói: FTH/UFF, p. 99-102, 2017.



PEDALENTOS E O CICLOTURISMO INCLUSIVO COMO ESTÍMULO PARA PESSOAS QUE NÃO TÊM HÁBITO DE VIAJAR DE BICICLETA

Fábio Nazareth¹

RESUMO

Este artigo define o termo Pedalmentos e o Cicloturismo Contemplativo e propõe uma reflexão sobre a distribuição da acessibilidade dos circuitos de cicloturismo para pessoas que não têm o hábito de viajar de bicicleta. Dentro desse contexto, estão contemplados; iniciantes, pessoas com sobrepeso; com limitações físicas e de saúde, que mesmo diante dessas limitações, poderiam realizar viagens de bicicleta se suas necessidades fossem incluídas previamente no mapeamento de novos circuitos, bem como a criação de rotas alternativas em circuitos já existentes. Este artigo também propõe a criação de uma ferramenta de qualificação dos circuitos de cicloturismo pela ótica da acessibilidade, o que representaria um avanço no estímulo à prática de um cicloturismo cada vez mais inclusivo.

PALAVRAS CHAVE: acessibilidade; equidade; circuitos de cicloturismo.

ABSTRACT

This article defines the term Pedalmentos Contemplative Cycling and proposes a reflection on the distribution of the accessibility of cycling tours for people who do not have the habit of cycle touring. In this context, they are contemplated; beginners, overweight people; with physical and health limitations, that even in the face of these limitations, they could undertake bicycle trips if their needs were previously included in the mapping of new circuits, as well as the creation of alternative routes in existing circuits. This article also proposes a tool to qualify bicycle travel circuits from the perspective of accessibility, which would represent an advance to the practice of inclusive cycle tourism.

KEY WORDS: accessibility; equity; cycle touring.

1. INTRODUÇÃO

Cicloturismo é uma modalidade de viagem turística usando a bicicleta como meio de transporte. Os circuitos de cicloturismo são a porta de entrada para quem deseja viajar de bicicleta, pois contam com guias e planilhas com informações detalhadas sobre trajeto e dados característicos de cada região, que são basicamente informações como distância em quilômetros dos trechos a serem percorridos, índice de declividades, infraestrutura de comércio e hospedagem. Essas informações são de extrema importância para que os interessados escolham qual o circuito ideal para seu ritmo de viagem.

Nesse contexto está evidente a necessidade de mensurar a acessibilidade para pessoas que estão iniciando a prática do cicloturismo, que muitas vezes são sedentárias, estão com sobrepeso e também aquelas que possuem limitações físicas e de saúde. A implementação e operação de circuitos de cicloturismo ainda demandam por processos de planejamento e gestão complexos por parte de entidades governamentais. Entretanto, é preciso garantir que existam circuitos capazes de oferecer uma experiência para todas as pessoas. Esse artigo propõe a criação de uma ferramenta para avaliação dos circuitos de cicloturismo pela ótica da acessibilidade.

¹ Pedalmentos Cicloturismo Contemplativo - fabionazareth@gmail.com

Uma evolução concreta seria a criação de rotas acessíveis em circuitos já existentes. Esse incremento tem a prerrogativa de aumentar significativamente a oferta de possibilidades para toda população interessada em realizar viagens de bicicleta. Para isso, é preciso avançar no desenvolvimento de critérios e métricas, relativos não apenas à melhoria dos circuitos, mas também em termos de regulamentação e arranjos institucionais para o desenvolvimento do cicloturismo contemplativo e inclusivo.

O termo Cicloturismo Contemplativo, que está contido na palavra Pedalmentos – contração de pedalar + lento - traduz a essência de que uma viagem de bicicleta pode ser realizada por qualquer pessoa, em qualquer ritmo, sem a necessidade de ser atleta para usar a bicicleta como meio de transporte durante a viagem. A imagem do caramujo, símbolo dos Pedalmentos, sugere a ideia de que o viajante precisa levar apenas o básico e de que, mesmo com um ritmo lento, é possível superar adversidades e longas distâncias.

O artigo se divide como segue: na seção 2, apresentação do contexto histórico do surgimento do conceito Pedalmentos Cicloturismo Contemplativo; a seção 3, segue com sugestões para criação de uma ferramenta de avaliação para circuitos de cicloturismo sob a ótica da acessibilidade; a seção 4 apresenta uma breve análise do contexto atual e a seção 5 finaliza com recomendações, limitações da pesquisa e possibilidades de estudo futuro.

2. PEDALENTOS E O CICLOTURISMO CONTEMPLATIVO

O conceito de pedalar sem pressa surgiu durante a realização de uma viagem de bicicleta em grupo. Durante a viagem, foi possível identificar pessoas com diferentes níveis de experiência e preparo físico para encarar os desafios do circuito. Algumas delas estavam fazendo a primeira viagem de bicicleta, mas já estavam acostumadas a praticar atividades físicas, ao mesmo tempo que outras estavam superando anos de sedentarismo.

A experiência de fazer uma viagem de bicicleta através de um circuito, que oferece mapas, planilhas de navegação e o fato de pernoitar fora de casa para começar tudo de novo no dia seguinte, representa uma forma muito peculiar de estabelecer contato com o território da viagem. Nesse universo, existem pessoas que gostariam de ter essa vivência, mas não se sentem seguras para fazer uma viagem de bicicleta nos circuitos tradicionais. São pessoas que sabem pedalar e gostariam de realizar viagens por circuitos que não sejam provas de resistência física. Para essas pessoas, a criação de circuitos de cicloturismo mais amigáveis representaria uma chance real para realizar uma viagem de bicicleta.

O cicloturismo contemplativo preenche essa lacuna ao motivar pessoas, que não têm hábito de viajar de bicicleta, a planejar roteiros de viagens adequados ao seu próprio ritmo. Todavia, é extremamente desejável a criação de novos roteiros de cicloturismo para atender essa demanda. Dentro desse contexto estão pessoas com necessidades especiais, famílias que gostariam de experimentar juntas o cicloturismo, mesmo que apenas alguns dos seus membros faça o circuito de bicicleta enquanto a família aproveita a região.

“Eu cresci em uma cidade do interior, mas sei que muitas crianças de hoje não tem a chance de pedalar livremente em seus próprios bairros. As férias em família podem oferecer a oportunidade de compartilhar o prazer de pedalar com as novas gerações”. Antonio Olinto em entrevista para a Revista Bicicleta em 21/05/2015.

3. FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO

Esse artigo sugere a criação de uma ferramenta para avaliação dos circuitos de cicloturismo pela ótica da acessibilidade. A construção dessa ferramenta visa qualificar os circuitos existentes e auxiliar na elaboração dos novos para que sejam cada vez mais inclusivos e adaptados para todas as pessoas. A definição de métricas e boas práticas é muito importante para que usuários e planejadores tenham referências para suas atuações. Nesse contexto, são relacionados cinco temas para formação da ferramenta.

3.1 Trajeto

Um circuito de cicloturismo inclusivo precisa ser desenhado de modo que boa parte do trajeto seja percorrido em território plano e com aclives suaves. É desejável que os circuitos contem com rotas alternativas com nível de dificuldade de baixo a moderado. Ao oferecer rotas mais acessíveis, viajantes de diferentes níveis, podem viajar pelo mesmo circuito durante uma viagem em grupo e manter os mesmos locais de parada. Este tipo de arranjo permite, por exemplo, que famílias com crianças tenham a opção de revezamento entre rotas com níveis diferentes conservando entre si os mesmos pontos de pernoite.

3.2 Sinalização

O circuito precisa contar com um sistema de sinalização que forneça informações que vão além do roteiro e do sentido do trajeto: é necessário informar a distância e o melhor caminho daquele ponto até uma unidade de atendimento. Essas placas devem estar posicionadas em uma altura de fácil visualização para quem está se deslocando de bicicleta. Totens com informações detalhadas devem ser instalados no início e ao final de cada trajeto.

3.3 Rede de suporte

A informação sobre a rede de suporte precisa constar em todas as publicações sobre o circuito, desde a página na Internet até nas planilhas técnicas sobre o trajeto. Serviços de emergência médica, resgate mecânico, farmácias e outros precisam ser listados com informações sobre distâncias, telefones de emergência e horário de funcionamento dos estabelecimentos. Em circuitos com trechos muito pesados, nos quais a criação de uma rota alternativa seja inviável, é desejável que se ofereça um serviço de traslado para auxiliar pessoas com dificuldade. Esse serviço deverá constar nas publicações e planilhas do circuito.

3.4 Alimentação

É desejável que roteiros de cicloturismo inclusivo tenham ao longo do seu trajeto opções de alimentação para pessoas com intolerância à lactose, glúten e outros tipos de alimentos. Devem constar nos guias e planilhas indicações de estabelecimentos que trabalhem com culinária vegetariana, vegana e também a indicação de produtores de alimentos orgânicos que estejam localizados durante o trajeto.

3.5 Hospedagem

Guias e planilhas devem indicar as acomodações que ofereçam equipamentos de acessibilidade ao longo do circuito. Quando não houver, informar a distância para a acomodação mais próxima. Esse tipo de informação é fundamental para incentivar famílias, cujos integrantes são portadores de necessidades especiais, a participar efetivamente ou acompanhar outras pessoas no trajeto de um circuito de cicloturismo.

4. ANÁLISE E LIMITAÇÕES

A integração entre pessoas com diferentes capacidades e limitações sempre foi um grande desafio, principalmente no deslocamento das pessoas nas cidades. Idosos, crianças e pessoas com necessidades especiais são frequentemente desprezadas no viário urbano. São muitas as dificuldades, que vão desde calçadas irregulares, que oferecem risco de queda e lesões, como também a dificuldade de acesso ao transporte público. Não obstante, a grande maioria dos circuitos de cicloturismo no Brasil também não foi planejada para atender a essas pessoas.

Os circuitos não são atrativos para quem tem pouca experiência ou possui algum tipo de limitação física ou de saúde. Essas limitações não seriam impeditivas para pedalar por longas horas, mas para superar obstáculos geográficos, como grandes aclives, ou ainda mesmo o medo de não ter acesso a uma rede de suporte médico durante o trajeto.

Viajar de bicicleta não precisa necessariamente ser uma aventura em uma região com pouca infraestrutura. Um circuito de cicloturismo também pode ser desenvolvido em regiões que ofereçam mais recursos e acessibilidade. A criação de circuitos de cicloturismo inclusivos precisa ser considerada como um importante caminho para a integração de diferentes pessoas, sendo também uma forma de estimular o uso da bicicleta como meio de transporte e a promoção de um estilo de vida saudável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo lança o desafio para a elaboração de um manual para avaliação de circuitos de cicloturismo sob a ótica da acessibilidade. Também sugere a criação de novos circuitos e adaptação dos já existentes, para que sejam efetivamente inclusivos. Desse modo, cada vez mais o uso da bicicleta, que é um veículo não poluente, se tornará mais habitual na sociedade, seja para o deslocamento em viagens como também seu uso no cenário urbano.

Em termos de pesquisas futuras, sugere-se uma avaliação mais detalhada dos circuitos de cicloturismo pela ótica da acessibilidade comparando com boas práticas internacionais.

REFERÊNCIAS

COCHRAN, J. (2012). The enlightened cyclist: commuter angst, dangerous drivers, and other obstacles on the path to two: wheeled transcendence, Eben Weiss, 2012.

FERREIRA, A. O. (2008). No guidão da liberdade, 3ª edição, São Paulo, LCTE Editora, 2008.

HASLER, R. A. (2008). Surprises around the Bend, Augsburg Books, 2008.

KUNDER, M. (2011). A lentidão, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

MAGALHÃES, S. (2010). Manual de sobrevivência do ciclista urbano, Rio de Janeiro, Ponteio Edições, 2010.

ONORÉ, C. (2011). Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade, 6.ª edição, São Paulo, Editora Record, 2011.

PATRÍCIO, L. (2013). Minha garagem é uma sala de estar, Curitiba, Editora InVerso, 2013.

TRANSPORTE ATIVO (2016). Disponível em: <<http://www.ta.org.br>>

VASCONCELOS, E. A. (2012). Mobilidade urbana e cidadania, Rio de Janeiro, Editora SESC Nacional, 2012.